

“EU CUIDEI E O RESTO FOI A FORÇA DE DEUS”

O ARROZAL DE SEU ZÉ DOS SANTOS



Em fevereiro de 2013 o pessoal do PSTG chegou falando de plantar arroz de sequeiro. Ou seja, arroz que cresce em terra sem água. Então Seu José, de Caieiras conta: *“Não tive dúvida. Eu já tinha plantado ‘arroz de morro’ e tinha dado colheita boa. Aí me animei com esse arroz de sequeiro”*. Como a experiência podia valer a pena para mais famílias, foi combinado o dia de mutirão. *“Vieram umas 12 pessoas”*. Homens e mulheres plantaram uma área de mais ou menos mil metros quadrados.

Foram usadas três variedades de semente de arroz para depois o pessoal comparar e avaliar o que deu mais certo: 250 gramas da variedade Cacho Longo, 200g do Cacho Duplo e 300g do Amarelo. Todas sementes crioulas trazidas do Paraná pelo PSTG. Os plantios foram feitos em linhas, e as sementes distribuídas com uma “garrafinha” e com a mão. No mesmo dia plantaram também uma variedade de milho crioulo em volta do arrozal. A novidade, além da semente, foi o uso de semeadeira manual, com roda de bicicleta, um equipamento que facilita o trabalho.



O preparo da terra contou com a força do trator de Caieiras que fez o serviço no meio dos tocos. As linhas de plantio foram abertas na enxada. Para adubar foi aplicado composto orgânico, fosfato natural e pó de basalto. Esses insumos já estão demonstrando que podem fortalecer a vida do solo.

Depois disso, foi cuidar: *“Capinei, cheguei mais terra em cada pé, e o resto foi a força de Deus”*. Os cavalos da vizinhança comeram um pouco do arroz e avançaram mais no milho. Por conta desse descuido dos donos dos animais Seu José teve que cercar a roça e colocar cadeado no portão.

Seu José acha que o seu cuidado com a roça ajudou o arroz a crescer bem: *“Eu estava focado naquilo, ia todo dia olhar”*. Não tinha irrigação, por isso demorou para nascer, mas depois saiu e foi em frente. Teve uns problemas de formiga, mas mesmo assim o arroz cresceu.

A colheita do arroz foi feita em julho, também em mutirão. Participaram homens, mulheres, crianças e foi uma alegria só! No meio das conversas, outras experiências com o cultivo de arroz foi o assunto. É o caso do Seu João Barbosa que já tinha plantado muito arroz de água na região de Linhares.



Outra novidade foi apresentada para os participantes do mutirão: Antes da colheita, foi feita a *Seleção Massal* do arroz. O que é isto? É que cada participante observou e escolheu, ainda no pé, os cachos bem saudios, mais fortes e mais ramificados. Esta é uma prática necessária para as famílias terem seu próprio banco de sementes crioulas e assim fortalecer a ocupação da Terra Indígena Tupiniquim e Guarani.

As sementes desses cachos representam o melhor do arrozal e serão plantadas em separado. Depois da próxima colheita vai ter de novo a seleção massal. Assim, ano após ano, elas se fortalecem porque se adaptam melhor na terra onde criaram seus frutos!



Juntando todas as sementes já limpas de arroz, Seu Zé colheu 25 quilos das três variedades: Cacho Longo: 7,5 Kg; Cacho Duplo: 6,7 Kg; Amarelo: 10,7 Kg. Desse total ele devolveu o que tinha recebido do PSTG na base do 2 para 1.

No plantio de 2014, o PSTG só vai doar o fosfato, basalto e composto, porque a semente já está “no Banco”. A partir daí, tudo o que for colhido é do Seu Zé. Uma parte ele vai selecionar para o próximo cultivo, outra parte guarda no banco de sementes da família como reserva para imprevistos, outra parte vai consumir com a família e, finalmente, o resto pode vender.



Projeção dos resultados do arrozal de Seu Zé (R\$/Ha)



Se tudo que foi usado nesse plantio tivesse saído do bolso do Seu Zé, o resultado seria o que mostra no gráfico ao lado. A coluna amarela mostra um saldo positivo e a vermelha mostra o investimento. Foi usado o preço definido pela Conab em 2013.

E mais! Vamos lembrar que o uso de composto e pó de rocha é investimento na melhoria do solo, ou seja, não deve ser visto como um custo. Pensando assim, o resultado fica ainda melhor.

Seu Zé quer continuar plantando o arroz e já pensa na questão no descascamento, porque a beneficiadora que tinha em Aracruz não existe mais. Mas isso é coisa que se pode resolver com o **Fundo Faici!** Que tal as famílias se juntarem para concorrer nessa oportunidade em 2015?

DITO E FEITO! PRÁTICAS COMENTADAS é um boletim produzido pela **unidade de agroecologia do PSTG – Plano Sustentabilidade Tupiniquim e Guarani**, que divulga a construção de conhecimento das famílias indígenas no trabalho de reabilitação de suas terras para a produção do seu bem estar de hoje e do futuro.

EDIÇÃO E REVISÃO: Marina Kahn

RESPONSÁVEIS: Luis Claudio Bona (coordenador), Paulo Radaik e Jakson Baptista

COLABORADORES: Claudyo P. Martins, Eduardo Malta, Guilherme Romano, Jerônimo Villas-Bôas, Marcos Antônio Santos e Tiago dos Santos

FOTOS: Arquivo PSTG

PROJETO GRÁFICO: Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

DIAGRAMAÇÃO: Lucas Bona

Endereço PSTG: Rua Trabutí, 112 – CEP: 29199-189 – Coqueiral, Aracruz ES – Tel: 27-3250.2496

